

NA ESPERA DA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018

TRANSCRIÇÃO ORIGINAL E COMPLETA DE ENTREVISTA À FOLHA DE SÃO PAULO A RESPEITO DE POLÍTICA DEPOIS DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS, 5 DE NOVEMBRO DE 2016

1. A eleição municipal representou o avanço da direita e do populismo sem definição programática?

R. É visão distorcida, embora corrente, do que aconteceu. Vivemos colapso de nossa estratégia nacional de desenvolvimento, baseada em commodities e em consumo. A tentativa de lhe dar sobrevivida recorrendo às facilidades do Tesouro durou pouco e piorou tudo. E o governo que acaba de ascender na onda deste desastre apresentou como fórmula para resgatar o país o corte das despesas públicas, condição necessária porém radicalmente insuficiente para relançar o desenvolvimento. Ao cingir-se a esta fórmula, as forças que tomaram o poder decretaram falência intelectual: não têm a menor idéia do que fazer, a não ser trancar o cofre e deixar chaves nas mãos dos credores da dívida pública, na esperança vã de que tanta obediência produza muito investimento. O resultado de tudo isto desabarará, em grau crescente, sobre a cabeça da maioria trabalhadora. Encontrar maneira de reagir a este quadro no espaço municipal foi o tema da eleição.

2. Mas qual a relação entre quebra da estratégia de desenvolvimento e voto na eleição municipal?

R. O eleitor tratou de sobreviver: defender-se e resguardar sua comunidade. Elegeu quem, entre os candidatos, lhe parecia mais capaz de usar o poder público para tornar a vida quotidiana menos penosa, numa situação em que tudo tende a ficar mais penoso. Desprezou rótulos ideológicos convencionais. Escolheu sem levar a sério o discurso que os partidos preferem porque imaginam, falsamente, que o povo quer açúcar. O voto popular não é infalível, mas expressa a primazia da experiência sobre as palavras. O eleitor sabe que medidas de sobrevivência tomadas no município não resolvem os problemas do país. A opção municipal não pré-julga a opção nacional daqui a dois anos.

3. Quais as consequências da ascensão política dos evangélicos e de sua teologia da prosperidade?

R. O desmerecimento preconceituoso dos evangélicos é um dos maiores escândalos de nossa vida nacional. Há mais de 40 milhões de evangélicos no Brasil. Não são apenas nossos irmãos. Encarnam nova consciência que se afirma no país: cultura de auto-ajuda e de iniciativa. Difunde-se esta consciência a partir de pequena burguesia empreendedora, evangélica e católica, e alcança número crescente de trabalhadores mais pobres. O cerne da teologia neopentecostal não é o culto da prosperidade conquistada pelo esforço individual; é a reverência pelo empoderamento, prefigurada na idéia, introduzida pela reforma protestante, do sacerdócio de todos os crentes. Há muito a criticar, a começar pela tentação de isolar-se em comunidades pautadas por padrões superiores de conduta em vez de lutar para reconstruir as instituições econômicas e políticas. Se estiver, porém, calcada no desrespeito e no desconhecimento, a crítica não presta.

4. Não é estranho que o Senhor, como pensador de esquerda, demonstre simpatia pelo movimento evangélico e pela pequena burguesia empreendedora?

R. A idéia central da esquerda -- do único tipo de esquerda que vale a pena preservar -- é a concepção do engrandecimento dos homens e das mulheres comuns. A diminuição das desigualdades é acessória a este objetivo maior. Não repetamos no Brasil a trajetória calamitosa da esquerda européia, que demonizou a pequena burguesia, ajudando a convertê-la em sustentáculo dos movimentos de direita e distanciando-se das aspirações reais dos trabalhadores.

5. E a travessia da eleição municipal de agora para a eleição presidencial?

R. A partir da eleição recente, começam a se desenhar as linhas do embate em 2018. Minha expectativa é que a eleição se organizará em torno do contraste entre duas candidaturas e dois projetos. O primeiro projeto será representado pelo candidato do PSDB, com o apoio do PMDB. O PMDB promete ter candidato próprio. Tende a não tê-lo, ou a abandoná-lo, dadas as conveniências e as limitações das pessoas que comandam o partido. Esta candidatura situacionista oferecerá variante do discurso de sempre: homenagens à responsabilidade fiscal e à gestão empresarial do Estado, combinadas com tudo o que se imagina que a população quer ouvir a respeito de segurança, saúde e educação. Terá aparato político poderoso e tempo a rodo na televisão. Em compensação, estará comprometido com

rumo, ou com falta de rumo, cuja natureza terá ficado patente nos dois anos entre agora e outubro de 2018.

6. E a outra candidatura e seu projeto?

R. Entendo que a outra candidatura principal deve tomar como ponto de partida o duplo imperativo de reconstruir o modelo de desenvolvimento e de trabalhar pela reorganização de nossa vida política. A tarefa é democratizar a economia do lado da oferta e da produção, não apenas, como aconteceu até agora, do lado da demanda e do consumo. Preparar o país para criar novas vantagens comparativas na economia mundial. E assegurar aos brasileiros ensino analítico e capacitador que substitua o enciclopedismo raso ainda reinante. A contrapartida política a este rumo econômico é construir, não desconstruir, o Estado e limpar a política. A construção do Estado exige carreiras de Estado, padrões de eficiência e cobrança na administração e determinação para descobrir empiricamente a melhor maneira de qualificar os serviços públicos. A limpeza da política começa no financiamento público das campanhas e na limitação do gasto eleitoral. E prossegue no uso do poder para quebrar o condomínio de corporativismos que sufoca o Brasil. O Presidente há de quebrá-lo ou ser quebrado.

7. E quem representará na eleição de 2018 esta alternativa de projeto e de poder?

R. Apoio a candidatura de Ciro Gomes. Não é candidatura sectária de esquerda. Nem por isto deixará de oferecer alternativa clara e ousada ao país, para superar a estagnação da economia e a impotência da política. Sua base são os interesses da produção e do trabalho. Apesar do poderio da máquina de cooptação que operará do outro lado, as circunstâncias favorecem este movimento de rebeldia e o candidato incapaz de ser cooptado que o lidera. A desigualdade das forças se atenuará à medida que o país descobrir que não precisa se conformar com o projeto sem votos e sem futuro que está hoje, precariamente, no poder.